

## ENTRE A PALAVRA E O SILÊNCIO: autoras afro-brasileiras e o cânone literário nacional

BETWEEN WORD AND SILENCE: afro-brazilian authors and the national literary canon

ENTRE PALABRA Y SILENCIO: autores afrobrasileños y el canon literario nacional

Matheus Messias Santos

**Resumo:** Objetiva-se compreender os fatores ideológico-culturais que influenciaram o silenciamento de autoras afro-brasileiras na formação do cânone literário nacional, tendo como suporte contos do *Olhos D'Água* (2015), da Conceição Evaristo. Nesta ordem de ideias, será investigada a desumanização à que mulheres negras foram submetidas ao longo da história e que contribuiu para a supressão do direito à voz e ao não reconhecimento das suas produções literárias. O foco de análise incidirá sobre a resignificação das memórias coletivas atribuídas à mulher negra e suas efetivas rupturas no alcance da reivindicação de auto representações, ligadas às suas condições de existência. Para tanto, serão utilizados os estudos do feminismo negro (RIBEIRO, 2017; HOOKS, 2018), o conceito de violência simbólica (BOURDIEU, 2014) e a noção de realidade, como construção discursiva e sedimentada através de convenções simbólicas (SACRAMENTO, 2012), (BAKHTIN, 1992). Por esse viés, destaca-se que é a partir das *escre(vivências)* que autoras afro-brasileiras vão desenvolver uma literatura genuína, que parte das suas subjetividades e que leva em consideração experiências que funcionam indissociáveis às suas vivências, enquanto mulheres negras.

**Abstract:** The objective is to understand the ideological-cultural factors that influenced the silencing of Afro-Brazilian authors in the formation of the national literary canon, supported by tales from *Olhos D'Água* (2015), by Conceição Evaristo. In this order of ideas, the dehumanization to which black women have been subjected throughout history and which contributed to the suppression of the right to voice and the non-recognition of their literary productions will be investigated. The focus of analysis will be on the redefinition of collective memories attributed to black women and their effective ruptures in the scope of the claim for self-representations, linked to their conditions of existence. To this end, the studies of black feminism (RIBEIRO, 2017; HOOKS, 2018), the concept of symbolic violence (BOURDIEU, 2014) and the notion of reality, as a discursive and sedimented construction through symbolic conventions (SACRAMENTO, 2012) will be used, (BAKHTIN, 1992). Due to this bias, it is highlighted that it is from the writing (experiences) that Afro-Brazilian authors will develop genuine literature, which starts from their subjectivities and takes into account experiences that work inseparable from their experiences, as black women.

**Resumen:** El objetivo es comprender los factores ideológicos y culturales que influyeron en el silenciamiento de los autores afrobrasileños en la formación del canon literario nacional, respaldado por cuentos de *Olhos D'Água* (2015), de Conceição Evaristo. En este orden de ideas, se investigará la deshumanización a la que han sido sometidas las mujeres negras a lo largo de la historia y que contribuyó a la supresión del derecho a la voz y al no reconocimiento de sus producciones literarias. El foco del análisis estará en la redefinición de los recuerdos colectivos atribuidos a las mujeres negras y sus rupturas efectivas en el alcance de la demanda de autorrepresentaciones, vinculadas a sus condiciones de existencia. Con este fin, se utilizarán los estudios del feminismo negro (RIBEIRO, 2017; HOOKS, 2018), el concepto de violencia simbólica (BOURDIEU, 2014) y la noción de realidad, como una construcción discursiva y sedimentada a través de convenciones simbólicas (SACRAMENTO, 2012), (BAKHTIN, 1992). Debido a este sesgo, se destaca que es a partir de la escritura (experiencias) que las autoras afrobrasileñas desarrollarán una literatura genuina, que parte de sus subjetividades y toma en cuenta experiencias que funcionan de manera inseparable de sus experiencias, como mujeres negras.

**Palavras-chave:** Literatura afro-feminina; Mulheres negras; Dialogismo.

**Keywords:** Afro-feminine literature; Black women; Dialogism.

**Palabras claves:** Literatura afro-femenina; Mujeres negras; Dialogismo.

## INTRODUÇÃO

Visto o processo de subalternização e violências a que mulheres negras foram submetidas ao longo da história, justificado por discursos que contribuíram com a difusão do racismo institucional no Brasil, percebe-se que, nos percursos da literatura nacional, as autoras afro-brasileiras foram distanciadas do cânone literário com o não reconhecimento das suas produções enquanto literatura, com a consequente supressão do direito à voz. Nesse sentido, buscamos compreender como o silenciamento dessas autoras é legitimado pelo sistema literário tradicional e de que maneira algumas delas, como a Conceição Evaristo, a partir de suas poéticas, estão denunciando violências e opressões estruturais e rompendo com as estratégias discursivas do cânone literário brasileiro, que no bojo das relações de poder definiu as obras representativas do Brasil a partir dos interesses de uma classe dominante, que priorizou o homem branco na formação do cânone literário nacional.

No entanto, nota-se que determinadas autoras afro-brasileiras, a partir da criação de redes de apoio como grupos e coletivos feministas, estão ressignificando a lógica discursiva homogeneizada pelo cânone e pelo mercado editorial brasileiro, levantando em suas produções questões atreladas a raça, classe e gênero, com foco na auto representação e nas experiências por elas vivenciadas. Desse modo, acredita-se que a produção literária de autoras afro-brasileiras está rompendo com os ditames da tradição, visto que suas obras são constituídas de elementos fundamentais para a valorização das narrativas de si, a contrapelo de um sistema literário sexista e etnocêntrico.

Ao se considerar o silenciamento institucionalizado de mulheres negras na sociedade ocidental e a sua reverberação na deslegitimação da literatura por elas produzidas, destaca-se a emergente necessidade de uma revisão do cânone literário brasileiro, que historicamente endossou criações representativas desumanizadas dessas mulheres. Neste espectro, nota-se a pertinência da valorização de narrativas afro-femininas, principalmente das pouco divulgadas e publicadas, enquanto literatura, bem como a valorização da autoafirmação e da preservação de raízes identitárias e saberes dessas mulheres, que por muito tempo tiveram suas enunciações negadas e suas histórias ameaçadas pela tradição ocidental.

Contudo, por se tratar da produção de mulheres que carregam memórias de violências, observa-se que as suas produções funcionam, também, como estratégias discursivas para a potencialização da resistência feminista. Além disso, destaca-se a importância da leitura do

trabalho artístico das autoras afro-brasileiras a partir dos seus respectivos *loci socias*, considerando todo o processo que invalidou suas obras, ao tempo da supremacia de uma literatura que esteve unicamente a serviço de interesses hegemônicos.

## O SISTEMA LITERÁRIO TRADICIONAL E A FORMAÇÃO DO CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO

A seleção das obras que compõem o cânone literário ocidental está interligada a um sistema tradicional que vai privilegiar, em sua estrutura, grupos hegemônicos marcados pelos interesses de uma *branquitude masculinista*. No entanto, observa-se que a institucionalização desse sistema legitima o silenciamento de autoras pertencentes a grupos marginalizados, que são distanciadas dos espaços de notoriedade. No caso das autoras afro-brasileiras, notamos emergir, a partir das suas produções, estratégias discursivas que contribuem com a ruptura dos ditames do sistema literário tradicional e com a revisão do cânone brasileiro.

Nesta perspectiva, a discussão sobre a literatura afro-feminina no Brasil pode desmascarar uma tradição, que simplesmente narrou a mulher negra, enquanto esta nunca pode falar de/por si. Tal autorização discursiva se dá através da revisão e do questionamento de um cânone literário cuja “percepção de “boa literatura” está ligada à “boa cultura”, desprezando o diferente” (CALLEGARI; MOREIRA, 2016, p.46).

As normas construídas e legitimadas pela tradição ocidental vão se basear nos princípios da moral conservadora para delimitar o que pode ou não ser compreendido, enquanto literatura. Esta mesma tradição ainda vai contribuir com a divisão dos sujeitos em esferas excludentes ao definir os autores que detêm o direito à enunciação. Os ideais iluministas do século XVIII e a busca por verdades universais, fixas e limitantes na explicação dos fenômenos, legitimaram o processo que viria a convencionar, na cultura ocidental, a urdidura dos pares dicotômicos da ontologia (ser/não-ser), epistemologia (razão/não-razão), ética (certo/errado) e estética (belo/feio):

Essas bases dicotômicas, amparadas pela repetição de um discurso hegemônico e homogeneizador justificado em instituições como a Família, a Igreja, a Escola, entre outras, vão impor e naturalizar uma *doxa* calcada nas relações hierárquicas de poder difundidas e instauradas em nível universal, determinando todo o sistema simbólico que constitui o que temos por *realidade*. Foi desse modo que *micronarrativas* foram silenciadas ao longo de uma historiografia etnocêntrica, que privilegiou o *primeiro dos pares* da tradição ocidental para a deslegitimação daqueles narrados como destituídos de razão (CAMPOS; MESSIAS, 2018, p. 322).

Neste espectro, observa-se que a tentativa de definir o *certo/errado* e o *belo/feio* no endosso à *realidade* advém de formações discursivas e simbólicas, visto que “a linguagem constitui o elemento mediador ao que chamamos realidade e toda experiência é a experiência do significado” (SACRAMENTO, 2012, p. 252). Assim, a língua, em sua totalidade concreta e viva, irá se manifestar de maneira dialógica, visto que os diálogos no discurso marcam posições de sujeitos sociais e pontos de vista acerca da realidade (BAKHTIN, 1992).

Nesta coordenada, nota-se que as convenções simbólicas que se estabelecem discursivamente vão situar sujeitos em espaços específicos, definindo o cânone/não cânone, ou seja, quem narra e quem é narrado em nossa literatura. Contudo, a partir da quebra progressiva desses *acordos*, o refluxo da integridade dessa *história única* enseja a atribuição de espaços inéditos ao *segundo dos pares*, que, em ação quiasmática, acaba por ser reconhecido como sujeito enunciador e detentor de direitos. De acordo com Matos e Sacramento, as indagações contemporâneas sobre a arte literária buscam considerar aspectos antes ignorados pelas correntes críticas de pensamento:

Na segunda metade do século XX, correntes críticas revisionistas do cânone literário passaram a ver a literatura em uma dimensão discursiva, sem o privilégio exclusivo, que antes lhe era dispensado. Tais correntes, muito na esteira do pós-estruturalismo, estudos culturais, literatura comparada, pós-colonialismo, movimentos de minorias, como o movimento negro e o movimento feminista, se recusaram a conceber a obra como um universo fechado, expressão de uma consciência criadora solitária (MATOS; SACRAMENTO, 2019, p. 11).

Desse modo, o texto literário deixa de ser concebido unicamente a partir dos seus aspectos formais, como num círculo de significações fechados, pré-determinados e impassíveis de inferências. A obra passa a ser compreendida, principalmente, a partir da sua discursividade, considerando o dito e o dizer estabelecidos no aqui/agora tanto da sua produção, quanto da sua recepção. Isto significa situar o texto literário enquanto discurso e, por conta disso, disseminador de valores e interesses suscetíveis de ressignificações. A relação dialógica se estabelece entre o leitor, em função inédita na recepção, e o texto literário. Ou seja, o autor deixa de ser concebido como único detentor do sentido da obra, ao tempo em que o leitor se torna partícipe deste processo:

As contribuições revisionistas acerca do literário abriram as portas para o enfoque do artístico, enquanto fatura datada em suas condições de produção, ensejando uma perspectiva política do ator social em suas condições de recepção. Daí o enfoque multidisciplinar do texto literário e não mais visto como mera forma, mas sim veiculador de valores que vão muito além do artístico em suas condições de produção (MATOS; SACRAMENTO, 2019, p. 12).

Neste contexto revisionista, encontram-se as literaturas contemporâneas, como a afro-feminina, na valorização das memórias coletivas e das subjetividades silenciadas de mulheres, que tiveram suas enunciações interferidas e ameaçadas pelos ditames da tradição ocidental. No entanto, por serem produções artísticas oriundas da diáspora africana em terras brasileiras, as suas tentativas de emancipação se dão a partir de um intenso trabalho de resistência cultural. Dessa maneira, a leitura do trabalho artístico das autoras afro-brasileiras passa a ser compreendido a partir dos seus *loci sociais*, de enunciação, considerando todo um processo que invalidou suas escritas, ao tempo da supremacia de uma literatura canônica, que esteve unicamente a serviço das expressões universalizadas da *branquitude*.

Por esse viés, é necessário considerarmos que existem autoras afro-brasileiras efetivando uma corrosão no sistema literário tradicional através da autoafirmação das suas produções artísticas. Essas mesmas autoras estão rompendo com as estratégias do cânone literário ao inserirem em seus trabalhos conteúdos formais e temáticos, anteriormente concebidos como indiscutíveis, dispensáveis e inferiores:

A estética afro-feminina [...] põe-se em um lugar de criação de uma textualidade em interação com histórias, desejos, resistências e insurgências, com memórias pessoais e coletivas e identidades negras e de gênero. Coloca-se ainda em um território discursivo e imaginário desconstrutor de marcas identitárias amparadas em representações que inferiorizam universos e repertórios culturais negros e de gênero, e construtor de tessituras que os valorizam e abalam significantes que os estigmatizam (SANTIAGO, 2010, p.7).

Nesta perspectiva, escritoras afro-brasileiras, em sua maioria, vão dismantlar toda a lógica conservadora do cânone literário. Conceição Evaristo, por exemplo, é uma autora afro-brasileira que tem as suas produções literárias marcadas pela condição de mulher negra. É, através das suas *escre (vivências)*, que ela vai desenvolver escritas que partem das suas subjetividades, imprimindo no texto experiências que dialogam com as suas vivências e com suas formações, enquanto sujeito de experiência. As produções literárias de Evaristo vêm carregadas de elementos fundamentais para a valorização das histórias de si, buscando referências na ancestralidade de um povo que teve suas memórias invisibilizadas com o silenciamento das suas contribuições nos percursos da literatura brasileira.

## REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA EM CONCEIÇÃO EVARISTO

Uma das principais funções da literatura produzida por mulheres negras é denunciar opressões e aspectos de violências institucionalizadas. Por conta disso, o histórico de integração das mulheres negras nos espaços marcados pelas relações de poder, como o universo literário e o próprio espaço urbano (cidade), geralmente, esteve ligado ora à hiperssexualização dos seus corpos, como nas representações inferiorizantes efetivadas por autores do cânone brasileiro; ora à subalternização dos seus conhecimentos e saberes, através da desvalorização dos seus conhecimentos, identidades e intelectualidades.

Em seu livro de contos *Olhos D'Água* (2015), Evaristo nos permite adentrar, a partir da sua escrita sensível-poética, no universo de mulheres negras que diariamente são atingidas pelos mais diversos tipos de violência. No conto *Maria*, Evaristo nos apresenta uma empregada doméstica, negra, que após um longo dia de trabalho é acusada injustamente de participar, quando volta para casa, do assalto que ocorre no ônibus, sendo violentada e linchada pelos passageiros:

A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria (EVARISTO, 2015, p.44).

Evaristo transpõe para a literatura uma realidade que atinge diversas mulheres negras no Brasil. Trata-se da intersecção entre as violências de raça e de gênero, que atuam cotidianamente nas experiências da vida urbana. Desse modo, considerando as opressões advindas de estruturas de controle e poder e disseminadas através dos aparelhos ideológicos do Estado, observamos que essas violências estruturais vão interferir no fluxo diário e definir as vivências e experiências da vida em sociedade.

*Maria* nos faz rememorar um crime ocorrido em Junho de 2007, quando um grupo de cinco homens, jovens da classe média, agrediu a empregada doméstica Sirlei Dias<sup>1</sup> (na época com 32 anos), com chutes e pontapés na cabeça em um ponto de ônibus da Zona Oeste do Rio de Janeiro (RJ). Os agressores alegaram acreditar que Sirlei seria uma travesti, e por esse motivo agrediram-na. Ora, o que vemos é um crime que escancara e denuncia uma masculinidade construída e mantida de maneira tóxica, legitimada por uma estrutura que distancia os agressores, confortáveis em seus *locis sociais*, de uma reflexão maior sobre as suas

---

<sup>1</sup> Disponível em: [https://www.sindomestica.com.br/noticias\\_mostra.php?id=193](https://www.sindomestica.com.br/noticias_mostra.php?id=193)

práticas perante as alteridades.

A violência sistêmica que interpela as realidades de mulheres como Maria, nos aponta para um problema histórico recorrente, no Brasil, que endossa a naturalização desse *status quo*. É, dessa maneira, que discursos hegemônicos buscam atribuir papéis de subalternidade à mulher negra e a seus descendentes:

Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade as negras têm sido consideradas só corpo sem mente A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as mulheres desregradas deviam ser controladas Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve de produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. Essas representações incutiram na consciência de todos a ideia de que as negras eram só corpo sem mente A aceitação cultural dessas representações continua a informar a maneira como as negras são encaradas. Vistos como símbolo sexual, os corpos femininos negros são postos numa categoria em termos culturais, tidos como bastante distante da vida mental (HOOKS, 2014, p.469).

Nota-se, portanto, que mulheres negras foram historicamente distanciadas dos espaços de poder e das ocupações tidas como de prestígio social; visto terem se mantido discursivamente aprisionadas aos interesses da tradição, comprometida unicamente com a manutenção da branquitude e da masculinidade.

Em *Duzu-Querença*, outro conto do *Olhos D'Água*, ao lembrar a sua chegada na cidade, ainda jovem, temos a dimensão da violência que silenciosamente aprisiona Duzu em situações de subalternização. Refletimos, a partir disso, sobre a condição da personagem, tendo em vista a sua construção, enquanto sujeito protagonista de violências que localizam o grupo das mulheres negras na base da Pirâmide Social no Brasil.

Evaristo nos ajuda a compreender sobre como as experiências da sua neta, Querença, rompem com a lógica discursiva que direcionou as vivências de Duzu e a suprimiu de direitos, tendo em vista que, logo em sua chegada, Duzu foi distanciada dos seus interesses na cidade, inicialmente relacionados aos estudos e ao trabalho:

Duzu naquele momento entendeu o porquê do homem lhe dar dinheiro. Entendeu o porquê de tantas mulheres e de tantos quartos ali. Entendeu o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixá-la estudar. E entendeu também qual seria a sua vida. É, ia ficar. Ia entrar-entrando sem saber quando e por que parar (EVARISTO, 2015, p.35).

Assim, se evidencia a *naturalização* de uma condição de inferiorização das mulheres negras, aplicada através de um processo cultural de dominação, que vai acontecer através da diferenciação e categorização dos sujeitos ora, pelo gênero, cor de pele, classe social; ora, por sua sexualidade:

Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece [...] uma ocasião única de aprender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado, de uma língua (ou uma maneira de falar), de um estilo de vida (ou uma maneira de pensar, de falar ou agir) e, mais geralmente, de uma propriedade distintiva, emblema ou estigma, dos quais o mais eficiente simbolicamente é essa propriedade corporal inteiramente arbitrária e não predicativa que é a cor de pele (BOURDIEU, 1998, p.8).

Notamos, então, que Duzu é atingida por uma “violência simbólica, [...] suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas e que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação ou do conhecimento” (BOURDIEU, 2012, p. 7-8). Tal violência situa as mulheres negras em lugares de circulação específicos de subalternidade, determinando, assim, as suas vivências e experiências em sociedade.

Em seu poema *Vozes-Mulheres*, Evaristo propõe uma revisão dessas condições, destacando um eu-lírico no feminino que se utiliza da memória coletiva de mulheres negras para traçar as conquistas simbólicas ao longo das décadas e das gerações, relacionadas às várias atualizações na condição de mulheres negras na sociedade brasileira. Assim, como no despertar de consciência da neta de Duzu, *Vozes-mulheres* propõe uma visão progressista, traçando a trajetória de mulheres negras do período escravocrata à pós-abolição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos a emergência de se efetivarem práticas sociais e políticas públicas, que atentem à desumanização, à que foram submetidas as mulheres negras. Há necessidade de utilização de métodos interseccionais, isto é, que veem os sujeitos atravessados por seu gênero, classe, etnia, ou por outra ancoragem identitária, em atenção às memórias coletivas de nosso passado colonial. Tal anseio constitui uma tentativa de alcance de novos marcos civilizatórios, com legados às próximas gerações, visionando um futuro, em que os olhos de mulheres negras possam se secar e suas vozes sejam de liberdade.

Assim, evidencia-se a importância de nos organizarmos através do *lugar de fala* que ocupamos, nos responsabilizando pelas denúncias de opressões estruturais, que, historicamente, subalternizaram corpos negros e femininos:

Falar a partir de lugares é também romper com essa lógica de que somente os subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica sequer se pensem. Em outras palavras, é preciso, cada vez mais, que homens brancos cis estudem branquitude, cisgeneridade, masculinos. Como disse Rosane Borges, [...] pensar lugar de fala é uma postura ética, pois “saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo (RIBEIRO, 2017, p.39).

A partir do exposto, nota-se que o interesse pelo debate estrutural, especificamente, no que diz respeito às alteridades em condições de subalternização, pode vir a ser pensado de maneira coletiva, não permitindo que somente as camadas desfavorecidas falem de si. O que se quer é a participação de *todes* na busca por uma sociedade mais equânime, em que o direito de voz não seja prerrogativa para legitimar a exclusão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo-SP: Martin Fontes, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- CALEGARI, Lizandro; MOREIRA, Fábio. Processos de (des)legitimação do cânone: o negro na história da literatura brasileira. Litterata: Revista do Centro de Estudos Hélio Simões. v.6, no.2 (2016). Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/1394>>. Acesso em: 15/05/2019.
- CAMPOS, José Lucas; MESSIAS, Matheus. Direitos Humanos e a condição da mulher negra a partir da literatura de Dionne Brand e Conceição Evaristo. In: MENDONÇA, Bárbara; AGUILAR, Ana Cristina; CAMARGO, Letícia Regina; CALLEFI, Renata. Gênero e Resistência v.1. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.
- EVARISTO, Conceição. Olhos D'água. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2015.
- HOOKS, bell. Intelectuais Negras. Geledés. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/10/16465-50747-1-PB.pdf>>. Acesso em: 15/05/2019.
- MATOS, Elisiane; SACRAMENTO, Sandra. Profundanças 2 – a contrapelo do binarismo impositivo. Ilhéus, BA: Editora Espaço Acadêmico, 2019.
- RIBEIRO, Djamilá. O que é lugar de fala?. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.
- SACRAMENTO, Sandra. Mulher e Literatura: do cânone ou não cânone. Revista da ANPOLL. v. 1, No. 33, 2012. Disponível em: <<https://anpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/639>> Acesso em: 11 maio 2019.
- SANTIAGO, Ana Rita. Literatura de autoria feminina negra: (des)silenciamentos e ressignificações. Fólio – Revista de Letras. v.2, n.1. 2010. Disponível em: <<http://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/3622/2995>> Acesso em: 0 de janeiro de 2019.